

APRESENTAÇÃO

*As estrelas apodrecem no pântano do céu mas
eu avanço mais seguro e mais secreto e mais terrível
do que a estrela que apodrece.*
Aimé Césaire

A chamada do número 22 da **Revista Boitatá** propôs como tema ***Poéticas orais, populares, indígenas, periféricas e de gênero: relações com as perspectivas pós e decoloniais.*** Diante do expressivo número de artigos qualificados submetidos aos pareceristas, os editores organizaram dois números dedicados a estudos variados que discutem questões relativas a poéticas não enquadradas nos recortes feitos pela crítica literária tradicional e designadas como periféricas quando olhadas desde um centro que se postula como hegemônico.

Desse modo, os volumes 22 e 23 apresentarão dossiês que colocam em pauta poéticas indígenas e africanas respectivamente, examinadas a partir de perspectivas críticas e teóricas definidas como pós e decoloniais, as quais permitem que as análises recoloquem tais poéticas nas posições centrais que elas efetivamente ocupam em suas comunidades e povos. Estes, por meio de cantos, versos, gestos, gritos, palavras, textos, discursos, carregam as marcas de seus modos de ser, estar e pensar.

Este volume 22 traz dossiê que reúne dez artigos focalizando aspectos relativos à literatura e às criações indígenas, além de seção livre e de resenha. O volume abre com o texto “Memórias retenidas, voz y transitos em la poesía quechua contemporanea”, de **Gonzalo Espino Relucé**, professor na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em que são investigadas as relações entre poesia e cultura andina e a poesia quéchua escrita contemporânea. Examina-se ainda como formas tradicionais orais se incorporam nas poéticas da atualidade. O fedor da América Profunda: Rodolfo Kusch e o dilaceramento em Josefina Plá”, **Maria Josele Bucco Coelho** emprega categorias do intelectual argentino Rodolfo Kusch para interpretar os mecanismos interculturais presentes no conto "A Caacupé", de Josefina Plá.

“Erenko, a literatura e os haicais”, de **Devair Antônio Fiorotti e Jociane Gomes de Oliveira**, apresenta os *eronko*, cantos dos índios macuxi e taurepang de Roraima, analisando-os enquanto produções literárias que podem ser relacionadas a outra modalidade poética, os haicais.

Em “Decolonizar o sujeito: por uma poética do *estar* na diferença”, **Diego Lock Farina** traz discussão teórica sustentada por Laclau, Deleuze, Rodolfo Kusch e Ailton Krenak, a partir da qual propõe uma combativa poética do estar na diferença e a desterritorialização das configurações de universal e particular, resultando em literatura que reorganiza lugares de fala e percepção.

“Reflexões de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, à luz do conceito de pensamento liminar”, de **Francine Bystronski Puchalski** realiza leitura do clássico do modernismo brasileiro sustentada pelos conceitos de “pensamento liminar”, “modernidade” e “colonialidade” de Mignolo.

Problematizar o uso da expressão “literatura indígena” para designar a produção autoral ameríndia brasileira é a proposta do artigo “A literatura indígena brasileira: debatendo o conceito”, de **Francis Mary Soares C. da Rosa**. Partindo de discussão sobre suposta essência do termo literatura, a autora dedica-se a pensar em uma corrente literária indígena brasileira, amparada nos estudos culturais e em correntes teóricas que formulam uma “epistemologia do Sul”.

“O lugar do portunhol selvagem em uma história do conhecimento linguístico”, de **Gabriela Souto Alves**, toma como objeto de análise o portunhol selvagem enquanto manifestação artística de resistência e movimento cultural e mobiliza concepções de língua como processo social, mais do que sistema normativo e estrutural.

Já em “O mito xokleng e o imaginário do medo como memória e linguagem dos descendentes de colonizadores do Alto Vale de Itajaí – SC”, **Heloísa Jaklauss Preiss Moraes e Leidiane Coelho Jorge** percorrem as narrativas de descendentes dos primeiros colonizadores da região de Itajaí, em Santa Catarina, para analisar de que modo as relações entre seus ancestrais e os xokleng, grupo indígena que povoava o lugar, ficaram registrados pelo imaginário captado nesse repertório.

“Sobre narrativas orais indígenas: tempo e relações de poder”, de **Ivânia dos Santos Neves**, aborda as diferentes temporalidades de narrativas orais tupi, dedicando-se especificamente ao exame de narrativa do povo Suruí-Aikewará à luz do pensamento de Michel Foucault sobre tempo descontínuo e genealogia.

Já o artigo “Passos da direita para a esquerda, para frente e para trás: visibilidade da mulher macuxi”, de **Maria de Lourdes Sousa Gomes**, busca entender a trajetória de três mulheres Macuxi no período de 1986-2002, identificando as condições que propiciaram o surgimento de lideranças femininas nas comunidades indígenas e resgatando o histórico do Movimento das Mulheres e da Organização das Mulheres Indígenas de Roraima-OMIR.

Fechando o dossiê temático, **Samuel Frison**, em “Leituras compartilhadas de três autores da literatura indígena: uma experiência sobre alteridade e a decolonização do currículo”, relata atividade em que educadores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo realizaram a leitura e análise de obras da literatura infantil e juvenil de Daniel Munduruku, Kaká Werá Jecupé e Yaguareê Yamã. A experiência levou os educadores a discutirem saberes ainda não contemplados pelo currículo escolar e foi concebida em perspectiva ecológica (SANTOS), cósmica (MORIN) e dialética (FREIRE).

A seção livre do número 22 da Boitatá traz quatro artigos, os quais trabalham com inquietações e temas pertinentes ao campo da literatura oral e popular. “Repentista ou repetista?”, texto de **Edmilson Ferreira dos Santos** e de **Beliza Áurea de Arruda Mello**, investiga o improviso na performance dos cantadores, as atribuições dos ouvintes nesse tipo de atividade poético-musical e como as tecnologias auxiliam a atuação de ouvintes e cantadores.

Na sequência, “As personagens femininas nos cordéis de Maria das Neves Batista Pimentel”, de **Letícia Fernanda da Silva Oliveira**, dá visibilidade a uma pioneira no gênero cordel na primeira metade do século XX.

O papel da cultura popular na construção e na recepção da obra *Histórias de Alexandre*, de Graciliano Ramos é o tema do artigo de **Rosalia Rita Evaldt Pirolli** intitulado “Aspectos da cultura popular em Histórias de Alexandre, de Graciliano Ramos: uma recepção problemática”.

No último texto da seção livre, “Das bruxas medievais às benzedeadas atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar – uma pesquisa exploratória”, de **Yls Rabelo Câmara, Carlos Sanz Migno e Yzi Maria Rabelo Câmara**, os pesquisadores apresentam as narrativas de uma benzedeadas de Tianguá, Ceará, e identificam a oralidade como fator primordial para a preservação da memória e a conservação de tradição ancestral como as benzeduras.

Finalmente, na seção Resenha, **Maurício Silva** apresenta “*Se liga no som. As transformações do rap no Brasil*, de Ricardo Teperman”.

A breve apresentação dos textos que seguem indica o vigoroso movimento de pesquisadores que, inspirados nas perspectivas pós e decoloniais, revisitam formas ou obras consagradas assim como se empenham em abrir espaço para gêneros e autorias pouco conhecidos. O certo é que esses movimentos produzem-se pela necessidade de serem construídas formas contemporâneas de pensar, perceber e pesquisar, formas essas construídas em contextos mais próximos aos circuitos de produção, circulação, engajamento e inserção cultural e comunitária das obras e autores

examinados. Por tudo isso, a **Revista Boitatá**, em seu número 22, mais uma vez, contribui para que o leitor acompanhe os rumos da produção acadêmica e científica comprometida com a construção efetiva de pensares e saberes ex-cêntricos. Tais pensares e saberes, complexos e definitivamente contemporâneos, não obstante o cinismo e a crueldade onipresentes, seguem o dito do martinicano Aimé Césaire na epígrafe e avançam mais resolutos, mais seguros, mais secretos e mais terríveis do que as estrelas que apodrecem.

Os editores